

A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, A MUTABILIDADE DOS COSTUMES E A PERPETUAÇÃO DA MEMÓRIA: OS ENTERRAMENTOS CASTREJOS E CELTIBEROS

Silvana Trombetta
Doutora em arqueologia pelo MAE/USP
siltrom@superig.com.br

Recebido em: 14/02/2019
Aprovado em: 20/06/2019

Resumo :

A questão funerária relativa aos castrejos e celtiberos entrelaça-se com o *habitat* no qual os mesmos viviam. Nos assentamentos castrejos, as mudanças no padrão funerário - das urnas presentes no interior das cabanas para um local próximo ao núcleo familiar e, posteriormente, para o espaço diferenciado da necrópole - são, muitas vezes, creditadas exclusivamente ao contato com os romanos, sem que haja um estudo mais aprofundado da distribuição espacial. No caso dos cemitérios celtiberos, embora exista uma peculiar organização interna do espaço funerário, ocorrem variações que devem ser melhor examinadas. É o caso, por exemplo, da necrópole de Numância, na qual o adensamento faz com que autores como Lorrio, pensem em justificativas funcionais para a danificação das armas encontradas no cemitério: tal ato seria devido não somente ao ritual de destruição sagrada, mas também ao aspecto prático do espaço disponível para o enterramento. A procura dos fatores que geraram a mudança nos padrões funerários pautar-se-á, desse modo, tanto na inter-relação cultural entre castrejos e romanos ou celtiberos e romanos (cuja análise será centrada na documentação material, vista como essencial para detectar o aspecto ligado à memória) quanto na própria organização espacial dos enterramentos de ambos os povos.

Palavras-chave : Celtiberos – Espaço funerário – Iberia Romana

Abstract :

The funerary issue concerning castrejo and celtiberos intertwines with the habitat in which they lived. In castrejo settlements, changes in the funerary pattern - from the urns inside the huts to a location near the family nucleus and later to the necropolis's differentiated space - are often credited exclusively to contact with the Romans, without further study of spatial distribution. In the case of the Celtiberian cemeteries, although there is a peculiar internal organization of the funerary space, variations occur that must be better examined. This is the case, for example, in the Numância necropolis, where the densification causes authors such as Lorrio to think of functional justifications for the damage of the weapons found in the cemetery: such an act would be due not only to the ritual of sacred destruction, but also the practical aspect of the burial space available. The search for the factors that generated the change in funerary patterns will thus be guided by both the cultural interrelationship between castrejo and Romans or Celtiberos and Romans (whose analysis will be centered on material documentation, seen as essential to detect the aspect memory) as well as the spatial organization of the burials of both peoples.

Keywords : Celtiberians – Funerary space – Roman Iberia

Os estudos sobre a cultura castreja caracterizam-na como uma população nativa do Noroeste da Península Ibérica, sendo um dos seus traços distintivos o *habitat*, do qual fazem parte variantes naturais e culturais. De acordo com Silva (2007), os castros normalmente situavam-se em locais elevados (a maior parte em 500 metros de altitude, outros entre 1.000 e 1.200 metros) e estavam próximos a cursos d'água que atuavam como uma barreira defensiva e serviam igualmente como fonte para subsistência (água potável e alimentação proporcionada por moluscos e peixes). A combinação entre recursos naturais disponíveis na região (abundância de pedras) e aspectos culturais, visíveis na presença de muros defensivos e na forma construtiva das cabanas pétreas (geralmente circulares, sendo algumas dotadas de um átrio — a denominada “casa com patas de caranguejo”), configuravam o *habitat* castrejo.

Não obstante a peculiaridade da Cultura Castreja, a arqueóloga portuguesa Teresa J. Gamito (2005), visualiza uma influência celta dos povos do sul da península que migraram para o norte fugindo dos cartagineses por volta dos séculos IV/III a. C., lembrando que a presença celta na Ibéria remonta, no mínimo, ao século VI a.C. sendo mais frequentemente atestada pela documentação arqueológica na região central.

A migração e existência dos povos do sul também é relatada por Estrabão e por Plínio, o Velho:

Os últimos de todos são os Ártabros e habitam junto do cabo que se chama Nério no extremo da costa ocidental e norte. Também os Celtas habitam perto desse cabo e são aparentados com os que vivem junto do Anas (Guadiana). Diz-se que os Túrdulos, durante uma expedição a estes locais, revoltaram-se após cruzar o rio Lima e que depois da revolta e da perda do seu chefe, se dispersaram e se fixaram nesses lugares; e que, por essa razão, o rio recebeu o nome de Letes (ESTRABÃO. **Geografia**, III 3, 5)

A região que se estende do Bétis (Guadalquivir) ao rio Anas (Guadiana) além dos lugares já mencionados é chamada Beturia e é dividida em duas partes com o mesmo número de raças, os Celtas que fazem fronteira com a Lusitânia, da jurisdição de Hispalis, e o Túrdulos, que habitam nas fronteiras da Lusitânia e do território de Tarragona mas estão sob a jurisdição de Córdoba (PLÍNIO. **História Natural**, III, 3, 10).

A existência dos relatos, porém, não permite uma datação conclusiva a respeito da migração celta. Gamito (2005) pressupõe que isto teria ocorrido entre os séculos IV e III a.C. ao passo que Silva (2007) sugere a data de 500 a.C. Embora os pesquisadores

concordem quanto a ocorrência da migração, a incerteza sobre quando isto teria acontecido coloca-nos a seguinte questão: quanto da influência celta pode ser vista na cultura castreja?

Alberro (2008), não coloca em primeiro plano as migrações, visto que haveria um substrato cultural com origens na Idade do Bronze Atlântica no noroeste da Península Ibérica, a qual já havia assimilado traços linguísticos e ideológicos, como o uso da língua proto-celta ou celta e a existência de castros com casas circulares (tais quais as da Bretanha e Irlanda). Este substrato proto-celta seria encontrado posteriormente nas regiões montanhosas e no planalto oriental, onde se desenvolveu a cultura dos Celtiberos. Assim, a celticização da Península Ibérica pode ter tido origem no noroeste, o que explicaria padrões culturais, socioeconômicos, linguísticos e ideológicos semelhantes.

Lorrio e Zapatero (2005), por sua vez, consideram os indícios da presença celta no noroeste ibérico bastante tardios (final da Idade do Ferro), vistos somente em alguns componentes linguísticos (topônimos e antropônimos), alguns objetos como fíbulas e torques e certos elementos presentes nas estátuas dos “guerreiros castrejos”: adagas biglobulares, escudo *caetra*, elmo do tipo Montefortino (nas esculturas da Citânia de Sanfins), torques e braceletes. A Cultura Castreja teria se desenvolvido desde o final da Idade do Bronze, sendo marcada por uma continuidade que deixaria poucas aberturas para influências externas originárias da Meseta (que, para o autor, seria a área da qual presumivelmente os elementos celtas encontrados no noroeste foram provenientes).

Considerando o debate entre os pesquisadores, é certo que a Cultura Castreja possui características que a singularizam na Península Ibérica: tipo de construção arquitetônica com moradias circulares, presença de edifícios termiais que se situavam nos limites do castro, cerâmica indígena de cor acinzentada e com presença de mica. Não obstante, quando relacionamos os elementos citados por Lorrio e Zapatero, com a existência de ornamentos arquitetônicos como o trisqueles e/ou símbolos solares, (esculpidos nas pedras que compunham a fachada das habitações), a identificação de rochas esculpidas em formato de “cabeças cortadas” nos castros de Monte Güimil (Barro) e Armeá (Allariz) e outros objetos arqueológicos como os peitorais e os fechos de cinturões da vestimenta do guerreiro, visualizamos uma influência celta. Ainda que a

maior parte da documentação material encontrada até o presente momento remonte à Idade do Ferro, não podemos descartar totalmente as influências atlânticas e os relatos dos escritores antigos, visto que o contato por via marítima ocorreu desde a Idade do Bronze e que o debate sobre a presença ou não dos celtas no noroeste passou muitas vezes por questões ligadas à identidade nacional (principalmente no século XIX), que visavam caracterizar os castrejos enquanto povos indígenas completamente distintos dos celtas.

Outro ponto a ser considerado é o que diz respeito à hierarquização social. Embora Lorrio e Zapatero (2005), assinalem corretamente que não há no noroeste evidências tão nítidas como entre os celtiberos da Meseta de um modelo de sociedade com uma elite guerreira organizada de acordo com o modelo clientelista, é certo que entre os castrejos o guerreiro tinha papel relevante, o que pode ser verificado pela documentação material presente nos castros (esculturas, fíbulas, torques).

Embora no sul e na região central da Península Ibérica também existam castros, a presença maciça deles é atestada na região norte. Além disto, nos castros do sul predominam habitações quadrangulares e nos do noroeste (como já foi exposto) casas circulares.



Fig. 1 – Casas Circulares da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira).

Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70495/>

A existência dos castros no noroeste de Portugal é vista por Silva (2007) como resultante de fatores econômicos e sociais nos quais o fator defensivo se coadunava com

o crescimento demográfico e maior organização da sociedade. Almagro Gorbea e Lorrio (2005) relacionam o aparecimento dos castros celtiberos à instabilidade social, sendo que os *oppida* que existiram posteriormente foram resultado de uma reorganização da sociedade, sendo tal reordenação observada nos bens tumulares. Se para estes últimos autores num primeiro momento os castros combatiam entre si (em guerras que, na verdade, envolviam cerca de cem combatentes) e a presença marcante das armas nos sepultamentos, particularmente da espada, refletia o predominante papel do guerreiro numa sociedade clânica, é necessário salientar que, numa fase posterior, caracterizada pela existência dos *oppida* (as denominadas “citânias” no território português) ao redor dos quais encontravam-se assentamentos subordinados de menor porte, os objetos mais frequentes nos túmulos passaram a ser fíbulas e vasos cerâmicos.

Nos castros do noroeste português e da região da Galícia (Espanha), a importância do poder bélico também é constatada pela existência de um tipo particular de escultura, como bem observa Gamito (2005, p. 593, tradução nossa):

Na parte noroeste de Portugal, notamos formas interessantes que não estão presentes nos assentamentos do sul: a evidência das chamadas estátuas de guerreiros nos assentamentos, as quais possivelmente tinham um papel de entidade protetora ou de heróis, símbolo do contato entre a comunidade e os deuses.

Tal afirmação ganha destaque quando verificamos que na citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) uma escultura foi encontrada perto da segunda muralha castreja, reiterando uma simbologia relacionada ao poder defensor do guerreiro.



Fig. 2 – Estátua de guerreiro castrejo portando um escudo circular (*caetra*), um torque e uma adaga biglobular (Castro de Lezenho - século II a. C. - I d. C.). Fonte: GAMITO (2005, p.594)

A existência destas estátuas no noroeste da Península Ibérica levanta um interessante debate sobre a representação do combatente heroicizado. Embora tal simbologia não esteja presente nos castros do sul, em outras regiões marcadas pela influência celta a correlação entre o valor social atribuído ao guerreiro e a documentação material é evidente. É o que pode ser visto na reconstituição de uma escultura encontrada no antigo santuário gaulês de Entremont (Aix-en-Provence/século IV-III a.C.), que representa um guerreiro segurando cabeças de inimigos mortos em batalha e na existência de pilares contendo crânios encravados na entrada do santuário gaulês de Roquepertuse (Velaux/século III-II a.C.). Embora não se saiba ao certo se no santuário de Entremont a escultura representa um deus ligado à guerra ou propriamente um guerreiro, a figuração espelha uma sociedade na qual poder militar e estrutura social estão intimamente imbricados. Outro ponto, é a existência de fíbulas (séculos III-II a. C.) com a representação do combatente montado no cavalo e carregando cabeças de inimigos (“troféus” de guerra). Tais objetos eram parte de mobiliários funerários encontrado em localidades celtiberas como Numância (Soria), La Osera (Ávila) e Arcobriga (Zaragoza).

Logicamente, as estátuas de guerreiros castrejos aludem a um caráter mais defensivo do que ofensivo, enquanto que a escultura de Entremont e as fíbulas celtiberas

realçam o papel ativo do combatente. Isto se deve ao local e ao propósito ao qual foram destinadas: as fíbulas e espadas faziam parte do aparato e vestimenta do guerreiro, a imagem do santuário cumpria a função de perpetuar e vivificar uma memória ligada à batalha enquanto que as esculturas dos castros colocavam em primeiro plano o papel do guerreiro enquanto protetor da comunidade. O papel defensivo não era menos importante para outras populações celtas. Nos estudos de Green (2001), os denominados “sacrifícios de fundação” (nos quais nem sempre é possível saber se o indivíduo já estava morto quando foi enterrado ou se passou por algum rito sacrificial ainda em vida), são frequentemente encontrados junto à muralha dos povoados com o propósito de salvaguardar a população. No sul do território português, no depósito votivo de Garvão (Idade do Ferro), foi encontrada na base de uma fossa artificial uma “caixa rudimentar contendo um crânio humano com indícios de trepanação” (Beirão et al 1985, p.45). Tal ato ritualístico tinha o intuito de tutelar os habitantes do local.

Cabe lembrar que tanto o caráter defensivo quanto o ofensivo complementavam-se pois, simbolicamente, apossar-se da cabeça do inimigo significava apoderar-se do seu espírito e, através do processo que envolve o ritual, reverter sua energia negativa em positiva, de modo a utilizá-la em prol da comunidade. Neste sentido, o uso apotropaico de duas esculturas de “cabeças cortadas” esculpidas em alto relevo nas pedras que constituíam a muralha do Castro de Armeá (Allariz/provavelmente século I d.C.) reforçam a inter-relação entre o caráter ofensivo e defensivo.

Voltando à questão da particularidade dos castros do noroeste, além das esculturas de guerreiros há a presença da denominada “Pedra Formosa”. Esta estrutura arquitetônica compunha o balneário castrejo (geralmente localizado próximo ao muro que delimitava a zona habitacional), que era constituído por um átrio, uma antecâmara, uma câmara e uma fornalha. Os balneários situavam-se próximos aos locais com água corrente de modo a viabilizar sua utilização. A Pedra Formosa separava a antecâmara da câmara e na parte inferior havia uma abertura de pequena dimensão, de modo que era necessário deitar-se para adentrar a câmara (recinto mais quente do que a antecâmara devido à proximidade da fornalha).

Estes edifícios funcionavam como saunas, embora não se descarte seu uso com propósitos ritualísticos: iniciação do guerreiro, ritos de passagem da infância para idade

adulta. As primeiras interpretações arqueológicas supunham que os mesmos fossem utilizados como fornos crematórios. Tais hipóteses, hoje completamente descartadas, surgiram em decorrência de haver nos locais pedras com traços de queima (que eram, na verdade, aquecidas e respingadas com água fria, de modo a gerar o vapor requerido para a sauna) e também devido a uma incessante busca de vestígios arqueológicos relativos aos enterramentos castrejos. Silva (2007), observa que este é um ponto que ainda suscita muitas dúvidas pois se a documentação material proveniente dos castros permite compreender o modo de vida da população, o mesmo não se pode dizer em relação aos processos ligados à morte.



Fig. 3 – Pedra Formosa do balneário da Citânia de Briteiros (século I d. C.). Fonte: Casa de Sarmento – centro de estudos do patrimônio. Disponível em: <http://www.csarmento.uminho.pt/ftp/docs/Baln2CitBriteiros.pdf>

A questão relativa aos rituais de morte entre os castrejos é bastante complexa. Numa fase mais antiga (na denominada Fase II Castreja – 500-200 a.C.), supostos enterramentos infantis ocorreriam no interior das cabanas, em urnas cinerárias que eram enterradas nos solos das casas. Posteriormente (Fase III Castreja – 136 a.C-100 d.C.), ocorreriam sepultamentos fora das habitações, mas ainda dentro do espaço familiar. Este seria o caso de Terroso (Póvoa de Varzim), no qual urnas cinerárias foram encontradas dentro de cistas de pedra.

No entanto, ao analisar os dados provenientes desse castro, Gonzalez-Ruibal (2006) visualiza outras práticas rituais que não possuem necessariamente correlação com a morte. As cistas com cinzas e cerâmicas inteiras que aparecem dentro de conjuntos de habitações em Âncora (Viana do Castelo) e Terroso foram por ele caracterizadas como pertencentes a um tipo de depósito ritual, o qual não é diretamente relacionado com a morte, possuindo um caráter votivo e familiar.

Nesta linha de pensamento, foram examinadas as possíveis influências atlânticas nos variados depósitos votivos encontrados: depósitos visando a fundação, a fertilidade ou a comunhão da comunidade. Este seria o caso do enterramento (século II/I a.C.) encontrado no castro de Meirás (La Coruña) na região da Galícia. Debaxo de uma série de estruturas pétreas foram descobertos buracos, fossas e canais escavados na rocha-mãe e “em seis deles foram encontrados restos humanos perfeitamente identificáveis, correspondendo a fragmentos de ossos das extremidades da costela ou do crânio” (Gonzalez-Ruibal, 2006, p.569, tradução nossa). Em outras 14 estruturas, apareceram materiais ósseos decompostos (de modo que não foi possível saber se eram de humanos ou animais), junto a fragmentos de cerâmica castreja, uma fíbula, um brinco de bronze, um machado de pedra polida e um molar de cavalo.

A comparação com depósitos e ritos encontrados em ilhas britânicas são constantemente reportados pelo autor e, neste sentido, o espaço construído em Terroso e Meirás, nos quais se encontrariam prováveis sepulturas, estaria relacionado a uma memória ligada à fertilidade da terra e ao ciclo da vida, e não a uma memória que visasse perpetuar os laços sanguíneos dos mortos junto ao núcleo familiar. Temos aqui, portanto, a identificação por González-Ruibal de tradições atlânticas na perpetuação de uma memória comunitária entre os castrejos, a qual também será vista em relação aos celtiberos.¹

No entanto, além das influências atlânticas, é importante ressaltar que a análise das estruturas funerárias que evocam a memória no Noroeste Ibérico deve considerar a presença romana e, neste caso, é interessante verificar que Gonzalez-Ruibal (2006), ao discorrer no capítulo final de sua tese sobre as influências romanas, não se refere aos enterramentos encontrados no Castro de Monte-Mozinho (Penafiel). A não menção a este castro pode ser devido ao fato de que os enterramentos ali encontrados (séculos I a

VI d.C.) sejam posteriores ao período majoritariamente estudado por Ruibal (1200 a.C.-50 d.C). Porém, o fato das sepulturas de cremação encontradas em Mozinho serem mais antigas do que as de inumação também indica a perpetuação de uma memória na qual o rito da queima do cadáver era o mais empregado.

Em termos de sepultamentos existentes no espaço diferenciado da necrópole (o que se verifica no noroeste ibérico após o contato com os romanos) é de grande importância a análise do Castro de Monte Mozinho, que foi pesquisado detalhadamente por Carvalho (2008) e revelou dois ritos de enterramento: um de cremação (séculos I/II e III d.C.), numa área mais restrita, e outro de inumação (séculos IV/V d.C.), numa área mais vasta e no espaço após a muralha.

Segundo Carvalho (2008), o espólio encontrado nas sepulturas de incineração é mais variado do que nas de inumação e sua cronologia remonta ao período flaviano. Um fato muito relevante é o de que nas sepulturas de incineração estão presentes cerâmicas finas importadas, como a *sigillata* hispânica, ausentes nas sepulturas de inumação, cuja cerâmica é de fabrico local. Além disso, as sepulturas de incineração encontram-se adensadas num local cuja forma assemelha-se a um anfiteatro e não parecem seguir nenhuma orientação específica. As sepulturas de inumação pertencem a um período mais tardio – século IV d.C. – e sua orientação Oeste/Leste pode ter sido influenciada pelo cristianismo. A pesquisadora chama a atenção para o fato de que a continuação das escavações pode revelar enterramentos da primeira metade do século I d.C., “uma vez que esta fase corresponde a uma grande pujança ocupacional do castro, tendo fornecido um número considerável de *sigillatas* sudgálicas, que estão ausentes em qualquer sepultura” (CARVALHO, 2008, p.105).

Devemos lembrar que Carvalho, ao analisar a *estratigrafia* da área escavada em 2004 relata que o espólio “é escassíssimo, sendo quase todo castrejo/romano” e que onde foi escavado o nível do derrube e os níveis de enchimento dos segmentos da vala escavada no saibro, “da camada arenosa do fundo destes últimos saiu material claramente localizável no século I (cerâmica tipicamente castreja e fragmentos de ânfora Dressel)” (CARVALHO, 2008, p. 86). Assim sendo, podemos visualizar Monte Mozinho como um sítio no qual o contato entre castrejos e romanos é plenamente verificável no local de habitação do castro, mas não o é nos sepultamentos encontrados

até o presente momento, o que torna necessária a continuação de trabalhos na área, uma vez que a própria autora aponta que não se tem dados sobre os sepultamentos do século I d.C., período no qual o castro era mais densamente povoado.

Por outro lado, também em relação aos celtiberos a questão dos enterramentos ainda gera muitas dúvidas. Gonzalez (2000, p.23, tradução nossa) relata que as concepções em vigor sobre o mundo funerário celtibero são de que ele não deixa traços, ou seja,

[...]sem inumações bem definidas e sem enterramentos dos restos dos defuntos, o que conduz a avançar nas hipóteses de que um dos procedimentos mais prováveis do tratamento do cadáver seria depositá-lo nas águas de um riacho ou nas suas bordas. Podemos testemunhar este fenômeno no Tâmsa, onde foram achados restos humanos associados a armamentos do Bronze Final. Outra hipótese, que poderá ser verificada, por exemplo, na área celtibera, seria a exposição do cadáver ao ar livre de modo que eles fossem devorados pelas aves; existem, com efeito, representações deste método na cerâmica celtibera. Seja como for, a realidade é que nas costas cantábrica e atlântica não se pode falar em tumbas propriamente ditas até a conquista romana.

Não obstante as observações feitas por González quanto à existência dos túmulos na área celtibera após o domínio romano, há que se lembrar que importantes descobertas com relação às práticas mortuárias foram feitas no cemitério de Cerrada de los Santos em Aragoncillo. O sítio, escavado por Arenas (2007), possui traços de atividades rituais que não se relacionam propriamente a um único indivíduo, mas sim a práticas coletivas. Há vestígios de banquetes numa fase mais antiga (séculos VI/V a.C.), o que é atestado por restos de animais (equinos, caprinos, bovinos) que, após serem consumidos ritualmente pelos convivas, tiveram suas mandíbulas previamente selecionadas antes de serem depositadas no solo.

Arenas (2007) também cita o cemitério de El Molina em Herreria, o qual possui uma sequência de enterramentos de mais de um milênio. Tal como em Aragoncillo, há elementos que vão além do funerário – tumbas ligadas ao aspecto astronômico e posição do cemitério orientada em relação ao assentamento de El Ceremeño, indicando uma ligação simbólica entre o mundo dos vivos e dos ancestrais. Para Arenas, tais evidências atestam que os cemitérios eram locais de culto, como se fossem santuários a céu aberto, sendo esta observação reforçada pelo fato de que provavelmente nem todos os

assentamentos tinham cemitérios. É o caso de Aguilar de Anguita (Guadalajara, século VI - I a.C.), com mais de seis mil túmulos e sem nenhum assentamento substancial nos arredores, localizado na beira de uma importante rota que liga o Platô do Sul da Espanha com o vale do Ebro e que, portanto, era um local de encontro de grupos de pessoas com sentimentos comuns de pertencimento à mesma comunidade.

Outro sítio arqueológico de suma importância para observação dos registros funerários celtiberos é a necrópole de Numância

As tumbas mais antigas, que datam do final do século III e início do século II a.C., ocupam a área central, enquanto grupos mais modernos, anteriores a 133 a.C. dispõem-se ao seu redor com mudanças significativas nas características de seu mobiliário, evidência das importantes transformações que afetaram a sociedade celtibera durante o século II a. C. e que também se refletem no aparato militar. (LORRIO ; QUESADA, 2017, p.194, tradução nossa).

Foram descobertos em Numância 155 túmulos sendo que em 74 havia armamentos. A maior parte dos armamentos concentrava-se na área central, cuja datação é mais antiga sendo que nas áreas periféricas (período mais recente) os armamentos eram mais escassos. Isto seria fruto de um incremento no número de pessoas enterradas, ao mesmo tempo em que ocorreu maior concentração de riqueza em poucos túmulos. Em decorrência, os autores destacam que a necrópole de Numância permite avaliar as transformações na sociedade celtibera ao longo de três ou quatro gerações, durante o período marcado pelas guerras contra Roma.

Em Numância, tal qual em outros cemitérios celtiberos (Arcobriga, Osma, Quintanas de Gormaz), as armas eram propositalmente danificadas num ato simbólico de “morte ritual” (prática também verificada entre os celtas da Gália e Bretanha), no qual sua inutilização retirava-as do mundo dos vivos. O ritual de cremação marcava os depósitos funerários das necrópoles sendo que muitas vezes boa parte dos espólios era destruído e/ou danificado em decorrência desta ação (hastes das lanças, bainhas dos punhais e espadas, a parte de madeira e de couro dos escudos).

Ao discorrer sobre as modificações sociais que podem ser demonstradas pela documentação material, Lorrio e Quesada relatam que

[...] a certeza de que nem todos os membros da sociedade tinham lugar nos cemitérios é corroborada no caso celtibero justamente no que diz respeito ao guerreiro, já que segundo nos relatam as fontes literárias e nos confirma a iconografia numantina, os mortos em combate eram expostos para serem devorados por abutres, considerados aves sagradas. Ainda que não tenhamos conhecimento de como se realizavam estes rituais, não devemos deixar de levá-los em consideração, sobretudo quando, como no caso de Numância, os cemitérios evidenciam importantes mudanças no mobiliário funerário ao longo do século III a. C., mudanças que afetaram o papel simbólico do armamento nesta notável etapa, da qual não se deve alijar o cenário bélico das Guerras Celtiberas” (LORRIO ; QUESADA, 2017, p.196, tradução nossa)

A prática mortuária da deposição do cadáver para ser devorado por abutres, citada por Lorrio e Quesada (2017) e Gonzalez (2000), é igualmente descrita em um artigo de SOPEÑA (2005), no qual o autor faz uma análise sobre ideologia e religião celtibera. O ritual celtibero de exposição dos corpos seria uma “prática atávica, com suas raízes no substrato pré-histórico” (Sopeña, 2005, p.308). Sopeña também cita a importante fonte textual de Sílio Itálico em relação aos celtiberos, a qual corrobora com a prática da exposição do cadáver:

Os celtas, que acrescentaram a seus nomes aqueles dos Iberos, também vieram. Para estes homens a morte em batalha é gloriosa; e eles consideram um crime queimar o corpo de tal guerreiro; por causa que eles acreditam que a alma sobe junto aos deuses no paraíso se o corpo é devorado no campo por um abutre faminto. (SÍLIO ITÁLICO, **Punica III**, 340-343)

A conexão entre fonte textual e material faz-se presente no momento em que Sopeña (2005) visualiza na encosta sul do sopé da montanha do Cerro de La Muela (Garray), onde se localiza o *oppidum* de Numância, treze pavimentos circulares feitos com pedras arredondadas nos quais os corpos dos cadáveres ficariam expostos para serem devorados pelos abutres. Sopeña cita que a função mortuária desta estrutura tem sido confirmada por estar próxima à necrópole de Numância e pelo fato de existirem outras estruturas similares em Montecillo-Dulla, El Arenal e Castro Del Zarranzano.

Porém, o próprio autor relata que é necessário ter cautela em relação às interpretações destas descobertas. Em consonância com esta observação, Heredero (2012, p.59, tradução nossa), analisando a questão da guerra e ritual entre os celtiberos, pontua “que não se conhece a finalidade destes círculos, dos quais se destaca sua heterogeneidade e nem sequer se tem determinado sua cronologia, sendo possível que sejam mais recentes do que se supõe”.

Não obstante, se há controvérsias entre os pesquisadores no que tange à função das estruturas circulares de pedra, o mesmo não ocorre em relação às figuras da cerâmica numantina que retratam o morto sendo devorado por aves necrófagas. Sopena (2005) relata que as imagens são absolutamente explícitas, não deixando margem para dúvida, e Almagro-Gorbea e Lorrio (2004) igualmente descrevem esta cerâmica numantina enquanto representação de um guerreiro sendo devorado por abutres.

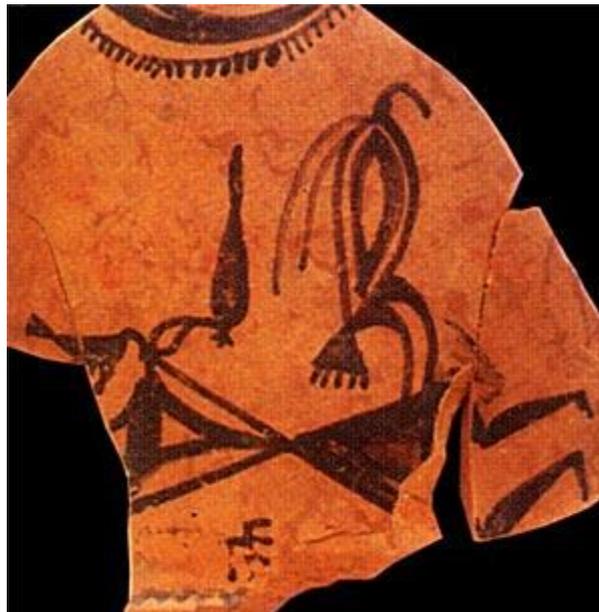


Fig. 4 – Cerâmica numantina com representação de um guerreiro morto sendo devorado por abutres (séc. I a.C.). Fonte: SOPEÑA (2005, p.381),

O mesmo pode ser dito sobre a iconografia da estela gigante de Zurita (datada do século I a.C ou I d.C.). Com dois metros de diâmetro, a estela mostra em uma de suas faces um símbolo astral e noutra uma imagem relacionada à guerra. Na parte superior, há no lado esquerdo a figura de um cavalo (devido à deterioração do objeto, não é

possível saber com exatidão se haveria um cavaleiro sobre o animal) e no lado direito a imagem de dois guerreiros vestindo peles (de lobo ou urso) e carregando escudos e outros objetos que podem ser lanças ou espadas. Na parte inferior, na qual nitidamente se vê na composição gráfica a marca do nível do solo (alusão à separação entre o mundo dos vivos e dos mortos), um guerreiro portando um escudo é devorado por um abutre. Por ser um objeto de grandes dimensões e que ficava numa área ao ar livre, sua função provável era de marcador tumular.



Fig.5– Estela de Zurita de Pielágos (Cantabria) Fonte:
Museum_of_Prehistory_and_Archaeology_of_Cantabria_25_-_Stele_from_Zurita

Outro importante objeto que alude ao status do guerreiro e ao ritual de morte, é o peitoral de prata encontrado na localidade de Chão de Lamas (Miranda do Corvo). Proveniente de um tesouro datado entre 100-93 d.C, sua iconografia retrata duas cabeças flanqueadas por abutres com garras em riste. Há também a imagem de três animais (bois, porcos ou javalis) e na parte final de cada lado do torque o metal foi moldado no formato de cabeça de serpente. Para Simon (2005, p.330, tradução nossa)

[...] embora a figura que aparece na parte final do lado esquerdo seja comumente interpretada como um quadrúpede, sua cabeça possui feições humanas. A presença de um pequeno escudo redondo (*caetra*) leva à

interpretação deste motivo como um ser humano cujas mãos e parte inferior da perna foram amputadas.

Uma minuciosa observação do peitoral revela que a figura do lado esquerdo possui de fato fisionomia humana e as considerações do autor sobre a mutilação corporal tornam-se especialmente interessantes ao refletirmos sobre o ritual de seleção dos ossos encontrados nas urnas cinerárias celtiberas (que será tratado mais adiante), particularmente os das extremidades das mãos e dos pés.



Fig. 6 – Peitoral do Chão de Lamas. Fonte: <http://www.cm-mirandadocorvo.pt/pt/menu/571/tesouro-de-chao-de-lamas.aspx>

Tais iconografias foram produzidas durante os séculos II a. C e I d. C e, como bem relatam Alfaye e Sopena (2008)), num período de transformações das estruturas socioideológicas indígenas e da aparição de uma sociedade provincial marcada por identidades heterogêneas e ambíguas, indo além da simples

[...]dicotomia tradicional entre continuidade/inação, resistência/emulação e indígena/romano, uma polaridade exegética que tem que ser substituída por aproximações que valorem a capacidade de eleição que tiveram os agentes

individuais em sua maneira de construir e apresentar suas identidades. (ALFAYE ; SOPEÑA, 2008, p.457, tradução nossa).

Diante de tal complexidade, as imagens dos mortos sendo devorados por abutres nos vasos numantinos (Soria), na estela de Zurita (Cantabria) e na Lúnula Lusitana do Chão de Lamas (Miranda do Corvo) retratariam práticas preexistentes entre os povos da Península Ibérica, dentro de um novo sistema iconográfico no qual se verifica a projeção e reprodução no documento material de aspectos sociais ligados à elite guerreira.

Existiria no mundo castrejo um tipo de ritual reservado para uma parcela específica da população (no caso, a dos guerreiros) que diferiria das demais? Neste caso, onde estariam as urnas dos outros indivíduos da população? No caso celtibero, isto pode ser explicado pela existência de sepultamentos nos quais há um número significativo de cremações que remontam ao século VI a.C. e persistem até o século II a.C., embora, como relata Sopeña (2005), estes sepultamentos estejam dispostos de modo desordenado (algumas vezes próximos uns dos outros, noutros casos distantes e em outros praticamente sobrepostos). Neste ponto, a disposição dos enterramentos assemelha-se ao que foi descrito por Carvalho (2004) em relação às sepulturas de incineração em Monte Mozinho, que não possuem ordenamento visível. Também, de modo semelhante ao ocorrido na necrópole de Monte Mozinho, os sepultamentos celtiberos de incineração eram depositados diretamente no solo ou em uma urna funerária na qual estavam presentes ossos *previamente selecionados*.²

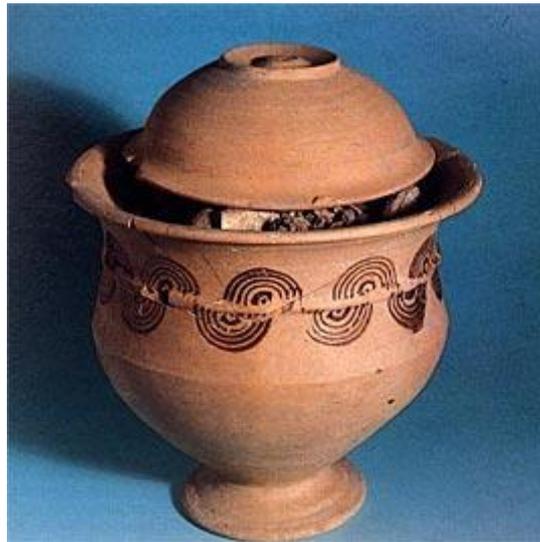


Fig. 7 – Urna Cinerária do século I a.C. proveniente da necrópole de La Yunta (Guadalajara), decorada com um motivo geométrico em forma de ondas. Fonte:: SOPEÑA (2005, p.385)

Não obstante algumas similaridades, ao analisar os castros vemos que a compreensão das práticas funerárias é mais nebulosa, pois a maioria deles aparentemente, não possui locais especificamente destinados aos mortos, e estruturas funerárias como as de Monte Mozinho dependem de maior análise.

Haveria entre os castrejos uma prática recorrente de exposição dos corpos, tal como relatado por Sopena (2005) e mesmo Lorrio (1997, 2005) entre os celtiberos? Em caso afirmativo, a ausência de um número significativo de sepultamentos castrejos leva a crer que tal prática não seria exclusivamente reservada aos heroicamente mortos em batalha.

Curiosamente, ao discorrer sobre as Ilhas Britânicas durante o período entre o final da Idade do Bronze e a Idade do Ferro, Sopena (2005, p. 384, tradução nossa) relata que a exposição dos corpos era a prática funerária dominante, visto que “95 % da população era disposta deste modo no momento da morte e que em Norfolk haveria uma plataforma sobre a água na qual os achados incluíram não somente restos humanos mas também armas”. Especificamente neste caso, pressupõe-se que o corpo do guerreiro deveria ser levado pela ação das águas³ para o Outro Mundo enquanto que a maior parte da população ficaria sujeita a uma exposição do corpo em outros tipos de plataforma

existentes nos *oppida*. Se nos ativermos às já mencionadas influências atlânticas, poderia ter ocorrido no noroeste ibérico uma prática semelhante à das Ilhas Britânicas, na qual a maioria dos ritos ligados à morte compreenderia a exposição do defunto? Para responder corretamente esta questão seria necessário realizar maiores escavações nos castros, de modo a revelar não somente outros enterramentos além dos já descobertos, mas também prováveis locais nos quais os cadáveres seriam expostos.

As pesquisas acadêmicas com relação aos povos castrejos e celtiberos revelam a complexidade quanto à questão da presença celta na Península Ibérica. Não há ainda respostas conclusivas sobre quando e de que forma teriam ocorrido os primeiros contatos e sobre quais são os elementos presentes na documentação material que podem seguramente ser denominados “celtas”. Quando analisamos os rituais mortuários, a questão torna-se ainda mais obscura, principalmente em relação aos povos do noroeste. A ausência quase completa de sepultamentos no período anterior ao contato com os romanos pode ser fruto de uma prática que remonta ao substrato proto-histórico, no qual a exposição de corpos em locais pré-determinados ou a deposição dos restos mortuários nas águas seguiria rituais ainda pouco conhecidos e de difícil identificação no registro arqueológico. É necessário continuar examinando os diversos sepultamentos encontrados até o momento e dar prosseguimento às pesquisas arqueológicas, sobretudo no que diz respeito ao noroeste ibérico, para melhor compreendermos os rituais funerários de castrejos e celtiberos.

REFERÊNCIAS

Documentação escrita

PLINY, The Elder - **The Natural History**. Trad. J. Bostock; H.T. Riley. Londres: Taylor and Francis, 1855

Disponível em:

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D3%3Achapter%3D3>. Acesso em 31 out. 2017

SÍLIO ITÁLICO **Punica**. Trad. J.D. Duff. Cambridge: Harvard University Press, 1989

STRABO - **Geography**. Trad. H.C. Hamilton; W. Falconer. Londres: George Bell & Sons, 1903.

Disponível em:

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0239%3Abook%3D3%3Achapter%3D3%3Asection%3D4>>. Acesso em 31 out. 2017

Referências Bibliográficas

ALBERRO, M. – Celtic legacy in Galicia. **e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies**, Milwaukee, v. 6, p. 1005-1034, jan. 2008 Disponível em: <https://www4.uwm.edu/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_20/alberro_6_20.html>.

Acesso em: 31 out. 2017

ALFAYE, S. ;SOPENÑA, G.- Imágenes del ritual e imágenes en el ritual em celtiberia. In: MOZOTA, B (Coord.) - RITOS Y MITOS - VI SIMPÓSIO SOBRE CELTIBEROS. Daroca: Centro de Estudios Celtibéricos de Segeda, 2006, p.455-472.

ALMAGRO-GORBEA, M. ; LORRIO, A. J. - War and society in the celtiberian world **e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies**, Milwaukee, v. 6, p. 75-112, out., 2004. Disponível em: <http://www4.uwm.edu/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_2/gorbea_lorrio_6_2.html>

Acesso em: 30 set. 2017

ARENAS, J. A. E. - Cult spaces and religious practices in pre-roman Celtiberia. In: HAINZMANN, M. (Ed.). **Auf den spuren keltischer götterverhrung**. Graz: OAW, 2007, p.15-27.

BEIRÃO, C. M, et al. – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão – notícias da primeira campanha de escavações. **O Arqueólogo Português**. Série IV, 3, 1985, p. 45-136.

CARVALHO, T. P. - As necrópoles de Monte Mozinho: resultados preliminares. **Oppidum**. Atas do 1º. Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, 2008, pp.83-113.

GAMITO, T. J. – The celts in Portugal. **e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies**. Milwaukee, v.6, p. 571-605, set., 2005 Disponível em: <https://www4.uwm.edu/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_11/gamito_6_11.pdf> .

Acesso em 1 nov. 2017

GONZALEZ, J. L. M.,- - **Celtes et ibères dans la péninsule ibérique**. Aix-en-Provence: Édisud, 2000

GONZALEZ-RUIBAL, A. - Galaicos – poder y comunidad en el Noroeste de la Peninsula Ibérica (1200 a.C – 50 d.C.). **Brigantium** 18-19. Coruña: Museu Arqueolòxico e Històrico da Coruña, 2006.

- GREEN, M. - **Dying for the gods** – human sacrifice in Iron Age & Roman Europe. Gloucestershire: Tempus Publishing, 2001
- HEREDERO, A.F. - Gerra y ritual en el mundo celtiberico. **ArcheoUCA**, n.2 , 2012, p.49-63. Disponível em: <<http://revistaarqueouca.wordpress.com/numeros-2/no-2>> . Acesso em 30 set. 2014
- LORRIO, A. J.- **Los celtiberos**. Madri: Complutum, 1997.
- LORRIO, A. J. ; ZAPATERO, G. R - The celts in Iberia: an overview. **e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies**. Milwaukee, v.6, , p. 167-254, fev. 2005. Disponível em: <https://www.4.uwm.edu/celtic/ekeltoi/volumes/vol6_4/lorrio_zapatero_6_4.pdf> . Acesso em 2 nov. 2017
- LORRIO, A. J. ; QUESADA, F. – Las Panoplias Numantinas y Romanas. **Numancia Eterna**. Salamanca: Junta de Castilla y Leon, 2017, p.191-212,
- SILVA, A. C. F. - **A cultura castreja no noroeste de Portugal**. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 2007.
- SIMÓN, F. M - Religion and religious practices of the ancient celts of the Iberian Peninsula. **e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies**. Milwaukee, v.6, p. 288-344, mar., 2005. Disponível em: <https://www4.uwm.edu/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_6/marco_simon_6_6.html> . Acesso em 31 out. 2017
- SOPENA, G.- Celtiberian ideologies and religion. **e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies**. Milwaukee, v. 6, , p. 347-410, maio, 2005. Disponível em: <http://www4.uwm.edu/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_7/sopena_6_7.html>. Acesso em 30 set. 2017

¹ A existência de uma memória ligada ao ciclo da vida e proteção da comunidade não implica numa ausência de ritos relacionados ao culto de ancestrais. Sopena (2005) afirma que há evidências suficientes que demonstram que os celtiberos preservavam não somente o crânio de inimigos vencidos em batalhas mas também o de membros familiares, o que atesta uma prática de veneração dos ancestrais. Podemos dizer que a diferenciação é feita de acordo com o contexto no qual os restos humanos foram encontrados: em Meirás, os restos mortais estavam localizados junto à rocha mãe e nos casos de culto aos ancestrais dentro das habitações. Logicamente, também há diferenças quanto à cabeça preservada dos inimigos e dos indivíduos da comunidade. Crânios de inimigos eram muitas vezes afixados nos muros ou portões de entrada das localidades enquanto que os crânios dos ancestrais eram preservados no espaço doméstico (Sopena, 2005)

² Sopena (2005) observa que muitos ossos encontrados nas urnas celtiberas foram queimados após a descarnificação do cadáver, havendo, assim, um período intermediário entre a morte do defunto e a cremação dos ossos selecionados. Isto não significa que todos os corpos fossem expostos para serem devorados por aves, visto que este era um tipo de ritual destinado aos mais valorosos, mas que deveriam existir outras práticas que permitissem secar e descarnificar os ossos. Igualmente em relação aos ossos selecionados, Sopena diz que “das 23 tumbas encontradas na necrópole de Numância, 14 continham ossos que correspondiam ao crânio e às extremidades dos dedos” (2005, p.285). Isto é particularmente significativo, pois para o autor e para outros pesquisadores, como Green (2001), a cabeça para os celtas era o local onde residia a alma.

³ A água é extremamente importante nos ritos funerários, pois evoca a passagem para o Além, atuando com soleira entre o mundo dos vivos e dos mortos. Arenas (2007, p.16, tradução nossa), ao analisar os cemitérios enquanto locais de culto, diz ser comum a existência de “cemitérios próximos a recursos aquáticos como riachos e fontes”.